

RESUMO: Este tema foi desenvolvido em minha dissertação de Mestrado em Música Brasileira, na Uni-Rio, sob orientação do Prof. Dr. José Maria Neves e co-orientação do Prof. Mestre Oiliam Lanna. Tal trabalho limita-se ao levantamento biográfico do compositor mineiro Hostílio Soares, à catalogação de sua obra e à edição crítica da sua obra coral mais significativa, **As sete palavras de Christum cruxificatum** para 5 vozes, solistas e órgão.

HOSTÍLIO SOARES – AS SETE PALAVRAS DE CHRISTUM CRUXIFICATUM

Arnon Sávio Reis de Oliveira

O tema de minha tese refere-se ao levantamento da vida e da obra do compositor mineiro Hostílio Soares e à edição crítica de seu oratório **As sete palavras de Christum cruxificatum**. Esta obra foi a primeira a despertar, novamente, a atenção dos músicos mineiros para Hostílio Soares, praticamente esquecido por esse meio musical. A falta de referências sobre a vida de Hostílio Soares levou-me a realizar entrevistas com familiares, ex-alunos e contemporâneos do compositor, além da coleta de documentação, tais como: títulos, artigos de jornais e revistas, e correspondências.

O primeiro contato que tive com sua obra, em 1995, aconteceu por intermédio do Prof. Oiliam Lanna, da Escola de Música da UFMG, quando se propôs a realizar uma nova transcrição da partitura original, escrita em papel vegetal. Oiliam Lanna tocou esta obra em cerimônias, sob a regência do compositor, quando jovem, em Visconde do Rio Branco, sua terra natal. Tendo por objetivo executar esta peça em conjunto com a orquestra da Escola de Música da UFMG, resolvi, então transcrevê-la e orquestrá-la para concerto. Este ocorreu em 1997, quando, ao término do meu curso de regência, escolhi **As sete palavras** para compor o programa de meu concerto final. Por coincidência, no mesmo período, tive contato com outras partituras de Hostílio Soares que despertaram, de vez, a minha atenção para este compositor. Iniciei, então, um trabalho metódico de resgate de suas obras para coro, o que vem sendo desenvolvido até hoje.

Hostílio Soares nasceu em 1898, em Visconde do Rio Branco, Minas Gerais, sendo filho de pai músico (Vale, 1948). Em sua cidade natal, desenvolveu seus primeiros estudos com os familiares e um médico, que era também professor de piano e violino. Anos mais tarde, em 1923, viajou para o Rio de Janeiro, e lá prosseguiu seus estudos de música. Antes, porém, trabalhou como violinista na Orquestra do Cinema Orion (Campos, Rio de Janeiro) e, dois anos mais tarde, em 1920, organizou e regeu a Orquestra do Cinema Melpômene (Vitória, Espírito Santo).

Disposto a estudar composição, Hostílio muda-se para o Rio de Janeiro, onde teve aulas com Paulo Silva, professor de harmonia e fuga, Francisco Braga, professor de composi-

ção e instrumentação e com o violinista Raul Lipoff. Reconhecendo o talento de seu aluno, Paulo Silva publica alguns de seus trabalhos de teoria musical nos livros "Manual de Harmonia e Manual de Fuga". Mas essa admiração pelo jovem compositor esvaeceu-se tão logo este decidiu adotar um estilo de composição romântica.

Em 1928, Hostílio retorna a sua terra natal, a convite de conterrâneos, para fundar e dirigir o Conservatório Musical Francisco Braga, que existe até hoje com o nome de seu pai, Theodolindo Soares. A partir de sua criação, o Conservatório tornou-se, por longos anos, uma fonte geradora de tradição musical na cidade de Rio Branco. De lá, saíram muitos músicos de extrema importância para o movimento musical mineiro. Nesta cidade, o compositor fundou, também, o Coro Santa Cecília da Matriz de São João Batista, regendo-o até 1931, ano em que se desloca para Belo Horizonte. Foi na Escola de Música da UFMG, então Conservatório Mineiro de Música, que Hostílio desenvolveu a maior parte de seus trabalhos acadêmicos, ensinando harmonia, contraponto e fuga (Reis, 1999).

8

Aparentemente, Hostílio exercerá grande liderança na criação e condução de entidades musicais na capital mineira, até à década de 60. Este é o seu período mais fértil, incluindo desde atividades de regência, com a Sociedade de Concertos Sinfônicos de Belo Horizonte, até à composição de suas mais ricas e premiadas obras. Um de seus trabalhos mais importantes, como regente, foi a estréia mundial da ópera **O sertão**, do Maestro Fernand Jouteux, à frente da Orquestra Sinfônica da Polícia Militar de Minas Gerais (Belo Horizonte, 1954). Seu trabalho de composição inclui óperas, sinfonias, música de câmara e um repertório de composições sinfônico-corais. Dentre essas obras, destacam-se: a **Suíte brasileira**, para banda e coro misto facultativo – vencedora do "Concurso de Suítes brasileiras" instituído pelo Departamento de Cultura de São Paulo (1936) – a opereta **Príncipes românticos**, encenada em Belo Horizonte (1941) e **As sete palavras de Christus crucificatum** (1945).

Pode-se também avaliar a relevância de Hostílio, como compositor, pela série de prêmios que recebeu em concursos instituídos pelo Governo do Estado de Minas Gerais, para compositores residentes, nos anos de 1951, 1961, 1962, 1963 e 1964. Suas obras premiadas foram, respectivamente, a Sinfonia **Krishnamurti**, para orquestra de cordas, a Sinfonia descritiva **Brasília**, a Missa solene **São João Batista**, para coro misto a 6 vozes, solos, órgão e orquestra de cordas (transcrita e executada em 1999), o **Álbum de canto e piano** – 5 peças em vernáculo (transcrita em 1999) – e a ópera de câmara em 1 ato **História do asceta e a dançarina**.

Após sua aposentadoria, no início da década de 70, o compositor retira-se do cenário musical belorizontino para se dedicar, sobretudo, aos estudos teosóficos e a reelaboração de suas peças escritas anteriormente. Quando faleceu, em 1988, aos 90 anos de idade, reconstituía a sua primeira composição, uma abertura romântica de 1918.

De todas as suas obras, **As sete palavras de Christum crucificatum** foi a que mereceu sua maior atenção. Hostílio Soares tinha por hábito refazer suas peças, com o correr dos anos, modificando partes que não lhe agradavam. A referida peça foi dedilhada aos 75 anos de aniversário de sua mãe e escrita, inicialmente, para três vozes, com acompanhamento de harmônio. Aos poucos, esta partitura foi sendo alterada até ao final de sua vida, sendo a pri-

meira versão extremamente simples quando comparada à versão final, para 5 vozes, solistas e órgão.

As sete palavras caracteriza uma parte da cerimônia paralitúrgica¹ católica da Sexta-feira Santa, em que o celebrante faz um sermão sobre cada uma das frases (palavras) ditas por Cristo em seu martírio na cruz. Durante a liturgia, sermão e palavra entoada pelo coro alternam-se seguidamente (Cullen, 1983).

A obra foi pensada para a celebração litúrgica e não para concerto. Sua versão definitiva possui texto em latim e português, como já havia acontecido com a primeira, a 3 vozes. Em termos formais, esta duplicidade do texto determina a estruturação temática das peças, ou seja, cada texto vem acompanhado por um tema particular, com exceção da sexta palavra, cujos textos apresentam um único tema.

Após a morte do autor, em 1995, a obra foi apresentada, pela primeira vez, pelo Coral Estável da Escola de Música da UFMG, sob a regência da maestrina Eliane Fajiolli. Para este concerto, a regente utilizou a primeira transcrição desta obra, de minha autoria, feita a partir de uma cópia em papel vegetal. Acreditava-se que a antiga cópia era a única e última partitura deixada pelo compositor. Desde então, a transcrição tem passado por um processo de reelaboração constante, pois foram encontradas novas cópias que, apesar de não serem versões diferentes, trazem anotações do compositor em forma de rascunho. Hostílio manteve seu processo de elaboração sobre as idéias originais, impossibilitando chegar-se, temporariamente, à certeza de uma versão definitiva, o que nos leva a um trabalho de edição crítica da antiga transcrição, considerando-a como uma partitura básica e referencial por se tratar da mais completa.

Escrita em papel vegetal e com tinta nanquim, a cópia considerada já demanda cuidados. À medida que o tempo passa, este papel vai se tornando quebradiço, inspirando cuidados especiais para sua conservação. Algumas das passagens musicais foram apagadas pelo autor e reescritas por cima com caneta comum, o que dificulta a legibilidade. Neste caso, essas passagens da partitura tiveram que ser comparadas com as partes cavadas de coro. As demais partes encontradas – solistas e órgão – em cópia xerox e heliográfica, referem-se a uma segunda partitura, também em papel vegetal, que permanece registrada nos arquivos da Escola de Música da UFRJ. Ambas as cópias foram feitas por Afonso de Paula Silva, mas apenas uma delas contém a data de sua escrita. Este copista, que nos poderia precisar qual delas foi escrita por último, faleceu em 1995. Apesar disso, a execução da obra ainda é possível, pois as alterações não dizem respeito à estrutura formal da peça, mas sim às modificações melódicas, objetivando uma melhor condução das vozes.

As sete palavras é constituída de sete peças curtas, em forma de oratório. Com exceção da sexta palavra, as demais apresentam dois temas cada uma, sendo um apresentado em latim e o outro em português, como já foi dito. A utilização do idioma português não foi simplesmente uma maneira prática de traduzir o texto latino, pois Hostílio Soares acreditava ser o português uma língua superior às outras, o que foi dito por ele mesmo em considerações citadas por pessoas entrevistadas. Todas, com exceção da sétima, possuem uma pequena introdução.

¹ A paraliturgia constitui-se de elementos tradicionais da Igreja Católica que não fazem parte do cerimonial oficial litúrgico.

A ordem das peças é a seguinte:

- 1) *Pater dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt* / Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem.
- 2) *Hodie mecum eris in Paradiso* / Hoje estarás comigo no Paraíso.
- 3) *Mulier, ecce filius tuus* / Mulher, eis aqui o teu filho.
- 4) *Deus meus, ut quid deleriquisti me?* / Meu Deus, por que me abandonaste?
- 5) *Sitio* / Tenho sede.
- 6) *Consumatum est* / Tudo está consumado.
- 7) *Pater, in manus tuas comendo Spiritus meus* / Pai, em tuas mão recomendo o meu Espírito.

Estilisticamente, a obra apresenta características românticas apesar de ter sido escrita no século XX, mais precisamente, nas décadas de 40 a 80, período em que, como já foi dito, ela passou por diversas modificações estruturais. Essas modificações não afetaram a estrutura formal da peça, mas sim a sua estrutura melódica e harmônica. No primeiro caso, houve modificações, muitas vezes sutis, nos temas de cada uma das peças. No segundo, em que ocorreram as maiores alterações, o compositor parte da harmonia básica e acrescenta notas melódicas com o intuito claro de criar tensões em sua estrutura. Apojaturas e retardos são os elementos preferidos, os quais criam novos acordes, que constantemente demandam resoluções.

A parte de órgão é extremamente complexa, escrita para 4 ou 5 vozes, sugerindo uma *particella*² escrita para instrumentos de corda, a exemplo de uma outra obra do compositor, a **Missa São João Batista** para órgão e orquestra de cordas, em que a escrita do órgão assemelha-se à de **As sete palavras**.

As sete palavras de Christus crucificatum não pode ser considerada como a obra-prima de Hostílio Soares. Poucas obras suas foram estudadas e executadas, o que não permite, ainda, uma avaliação nesse sentido.

Como compositor, há duas perspectivas através das quais Hostílio Soares pode ser visto. No cenário nacional, pode ser colocado à parte das correntes modernistas e nacionalistas que prevaleciam, principalmente, nos ambientes musicais do Rio e São Paulo. Vale lembrar que ele é contemporâneo de vários dos principais expoentes de nossa música, tais como Villa-Lobos, Camargo Guarnieri e Lorenzo Fernandez. Dentro de uma perspectiva regionalista – de crucial importância para a história musical de Minas Gerais – Hostílio pode ser considerado o responsável pela revitalização do movimento composicional neste Estado que, praticamente, se estagnou em termos de evolução estilística desde o período colonial. Antes dele, não há registro de nenhum compositor mineiro de estilo romântico. É ele quem prepara, então, esse ambiente musical para o surgimento da corrente de compositores modernos em Minas Gerais, que se inicia, principalmente, a partir de 1970 (Oliveira, 1999).

² Parte reduzida de uma composição para piano, a ser orquestrada posteriormente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CULLEN, Thomas Lynch, S.J. **Música sacra: subsídios para uma interpretação musical.** Brasília: Musimed, 1983.
- OLIVEIRA, Nelson Salomé de. **A música contemporânea em Belo Horizonte na década de 80.** Dissertação (Mestrado em Música Brasileira) - Escola de Música do Centro de Letras e Artes da UNI-RIO, 1999.
- REIS, Sandra Loureiro de Freitas. **Escola de Música da UFMG: um estudo histórico (1925 - 1970).** Belo Horizonte: Luzazul Cultural: 1993.
- VALE, Flausino R. **Músicos mineiros.** Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, Minas Gerais: 1948.



Arnon Sávio Reis de Oliveira, Mestre em Música Brasileira, com ênfase em Musicologia, pela UNI-RIO, Professor de Contraponto e Harmonia da Escola de Música da UEMG e de História da Música no Centro de Formação Artística da Fundação Clóvis Salgado.